

O RAPAZ DO PONTO DE ÔNIBUS

Por [Henderson Claiton Bariani](#)

Publicado no blog [Depokafé](#) em três capítulos em
dezembro/2007

Aline desceu as escadas quase correndo. Depois de mais uma semana de aulas, tudo o que ela queria agora era chegar em casa o mais rápido possível, e tomar um bom banho. O calor estava sufocante.

No volante de seu carro, Aline sai do estacionamento e acelera pela avenida. Mas logo tem que parar. Sinal fechado.

“Que droga !” impacienta-se ela. Enquanto espera o sinal abrir, começa a observar um grupo de pessoas num ponto de ônibus. Entre elas, um rapaz chama a sua atenção.

Era jovem, devia ter a mesma idade do que ela. Barba rala, cabelos curtos e negros, alto e magro. Estava de camisa vermelha, walkman no ouvido e mochila nas costas. Devia ser aluno da faculdade, apesar da Aline nunca o ter visto lá antes. Estava distraído e nem percebeu que ela o estava observando.

Embevecida, Aline tomou um susto quando o carro de trás buzinou, e só então percebeu que o sinal tinha aberto. Rapidamente ela acelera o carro e segue em frente.

Mas ela já não estava mais sozinha. A lembrança do enigmático rapaz no ponto de ônibus a acompanhou até em casa. Dirigindo distraída, ao dobrar a esquina perto de sua casa, não repara num rapaz que atravessa a rua. Quando percebe, está quase em cima dele, e pisa com tudo no freio.

Benditos freios ABS. O carro para sem atingir o rapaz que, distraído com o walkman, nem percebeu o que aconteceu. Ele estava de camisa vermelha e com uma mochila nas costas. Apesar de ser impossível, era o mesmo rapaz do ponto de ônibus.

Com o coração batendo forte de susto, Aline só observa enquanto o misterioso rapaz atravessa a rua, dobra a esquina e some. Sua mente ágil pensa rápido: não tinha como aquele ser o mesmo rapaz do ponto de ônibus. Só devem ser muito parecidos, ela não tinha visto o rapaz de perto lá no ponto de ônibus...afinal, quantas pessoas de mochila e walkman deviam existir naquela cidade ?

Ainda pensando na estranha coincidência – afinal, só podia ser isso, uma coincidência – Aline chega em casa, toma um relaxante banho, almoça e resolve atacar os trabalhos da faculdade antes que se acumulem durante o final de semana.

A noite, depois de horas cansativas de estudo, Aline se afasta dos livros e se aproxima da janela do seu quarto. Ah, uma linda Lua cheia estampa um céu estrelado e sem nuvens, um cenário que ela nunca se cansa de admirar.

Olhando distraída para a Lua, com o pensamento a quilômetros dali, Aline é tirada, de repente, do seu embevecimento. Uma estranha sensação a percorre, quase como um choque. O coração dispara, e subitamente ela tem a certeza de estar sendo observada.

Instintivamente, ela olha para a rua. Mesmo com pouca luz, ela reconhece o vulto que, de longe, a observa. Usava camisa vermelha, era alto e magro. Só podia ser ele. O rapaz do ponto de ônibus.

A sensação estranha deu lugar ao pânico. Ela estava sozinha em casa. E se ele fosse um maníaco ? Um assaltante ? Um seqüestrador ? E se a tivesse observando a dias, e ela só tivesse percebido agora ? O que fazer, chamar a polícia ? Mil pensamentos ao mesmo tempo....

Então, para sua surpresa, o rapaz começa a se afastar. Vai em direção à mesma esquina do quase-atropelamento e desaparece. Aline respira aliviada. E corre para trancar a casa.

- 0 -

O dia seguinte, depois de uma noite cheia de pesadelos, foi normal. Aline saiu pouco de casa, somente foi à Igreja. Passou a maior parte do tempo estudando, ou então na Internet. E o misterioso rapaz de camisa vermelha não apareceu mais.

A mesma coisa aconteceu no domingo, e Aline foi dormir mais tranqüila nessa noite, achando que tudo não tinha passado de uma grande coincidência, e de uma pequena dose de paranóia da sua parte.

A segunda-feira feira amanheceu chuvosa e chata como só as segundas-feiras conseguem ser. Ao ir para a faculdade, ela passa novamente defronte ao ponto de

ônibus. Que estava vazio. Com um sorriso de desdém, ela diz para si mesma: “Deixa de ser paranóica, menina. Foi tudo só coincidência.”

Depois das aulas, a fraca chuva da manhã tinha virado uma tempestade. Correndo, Aline entra no carro e dá a partida. De novo a mesma avenida, o mesmo sinal fechado...e o mesmo rapaz no ponto de ônibus !

Ele estava com as mesmas roupas da sexta-feira. Sozinho no ponto de ônibus, distraído, sem parecer se importar com a tempestade que caía a sua volta, ou com a jovem ansiosa que a observa do carro.

O sinal abriu e Aline pisou fundo no acelerador, querendo se afastar o mais rápido dali. “É tudo só uma grande coincidência”, repete para ela mesma.

Mas alguma coisa a dizia que não podia ser só coincidência. Agindo por impulso, Aline pega o primeiro retorno que encontra e volta até o ponto de ônibus.

Ele continuava lá, na mesma posição. Ela para o carro ao seu lado, e abaixa o vidro. Pingos de chuva molham o banco.

- Ei rapaz, não quer uma carona ? - ela teve quase que gritar, a chuva fazia muito barulho.

O rapaz pareceu se assustar quando percebeu que estavam falando com ele. Lentamente foi até o carro, sem se importar com o fato de que estava se molhando.

- Para onde você está indo ? Posso te dar uma carona ? - insistiu ela.

Ele deu um endereço do outro lado da cidade, bem longe da casa da Aline. Mas ela não ia desistir assim tão fácil.

- Eu estou indo justamente para lá – mentiu ela, sem nem ficar vermelha – Entra aí que te dou uma carona.

O rapaz entrou lentamente. Tudo nele parecia lento, calmo, controlado. Até sua voz era macia. Enquanto seguia em frente, Aline tentou conversar com o enigmático rapaz.

- Você também faz faculdade ? Qual curso ? – foi sua primeira tentativa.

- Não faço faculdade – foi a resposta seca do rapaz, sem nem olhar para ela.

- Ah... – Aline estava desapontada. – Achei que tinha te visto lá – tentou justificar ela.

Alguns minutos de um constrangido silêncio se passaram, enquanto Aline começava a achar que não tinha sido uma boa idéia dar carona ao rapaz. Então, surpreendentemente, ele quebrou o silêncio.

- Ainda estou fazendo cursinho – ele retomou a conversa como se os longos minutos não tivessem se passado. Quero fazer Engenharia – concluiu ele e, pela primeira vez desde que entrara no carro, olha pra Aline e sorri.

“Que sorriso lindo” pensou Aline, enquanto sentia uma vontade irresistível de beijá-lo ali mesmo. Ao invés disso, disse:

- Que legal ! Tenho amigos que fazem Engenharia...é bem difícil, tem muita matemática..

- começou ela, enquanto seu Id rangia os dentes e seu superego batia palmas.

- Mas eu gosto de matemática. – disse o rapaz, com um tom de quem estava encerrando a conversa. Mas Aline não ia deixar a conversa morrer de novo. Ela queria ver aquele sorriso lindo novamente. Resolveu arriscar uma pergunta pessoal.

- E como você se chama ?

- Alberto Carvalho – ele estava de novo com aquele jeito seco do início, para grande desapontamento de Aline.

- Eu me chamo Aline – se apresentou ela, já prevendo que o calado Alberto não ia perguntar.

Alberto fez então o seu primeiro movimento rápido desde que entrara carro. Olhou fixamente para Aline e disse:

- Minha mãe também se chama Aline – e um sorriso iluminou novamente o seu rosto.

“Se ele sorrir assim de novo eu não vou resistir” pensou ela. Mas o superego atrapalhou de novo.

- Que coincidência ! E você tem irmãos ? – disse ela, enquanto seu Id balançava a cabeça, furioso.

- Tenho uma irmãzinha de dez anos...linda. Chama-se Júlia. – Fez uma pausa. – Tenho

tantas saudades delas – concluiu ele, e calou-se de novo, emocionado.

“Que estranho...será que ele não mora com a família ?” pensou ela, mas decidiu não falar nada. Alberto parecia muito emocionado.

Aline tinha dirigido rápido. Até onde ela conhecia aquela parte da cidade, estavam quase chegando no endereço que Alberto havia lhe dado. Havia um pequeno congestionamento à sua frente. Parece que a chuva que caía desde cedo tinha alagado um trecho da rua. Havia um posto de gasolina bem em frente. Enquanto Aline pensava num jeito de chegar até lá para pedir informações, Alberto disse:

- Lembre Aline: nunca use drogas. Nunca, me ouviu ? A droga acaba com a vida de uma pessoa...

Aline se virou para perguntar porque ele havia dito isso, mas só encontrou um banco vazio ao seu lado. Alberto havia sumido.

Aline raciocinou rápido. Ele poderia ter saído. Mas ela não tinha ouvido a porta do carro abrir. E porque ele sairia sem se despedir ? Em desespero, saiu do carro, sem se importar com a chuva que caía ainda mais forte naquele momento. Olhou em volta. Nem sinal de Alberto. Era como se ele houvesse evaporado. Mas isso não era possível. Ninguém some do nada, raciocinava ela....talvez ele tivesse ido até ao posto de gasolina. Sob o olhar atônito dos outros motoristas, foi correndo até lá, sem se preocupar nem em desligar o carro.

O frentista do posto havia percebido que ela tinha saído correndo do carro e se aproximou, solícito:

- Algum problema com o carro, moça ?

- Você viu alguém saindo do meu carro ? – perguntou ela, esbaforida.

O frentista franziu a testa.

- Não moça, eu não vi ninguém não...

- Tem certeza ? Era um rapaz alto, de camisa vermelha e mochila nas costas – agora ela estava quase às lágrimas.

- Não, eu vi nada não... – insistiu o frentista.

- Não é possível. Ele disse que se chamava Alberto Carvalho, e que morava aqui por perto... – e não conseguiu continuar, pois o choro veio com força. Será que ela estava ficando louca e tendo alucinações ?

A testa do frentista se franziu mais ainda.

- Deve estar havendo algum engano moça....o Alberto Carvalho morava naquela casa ali – e apontou vagamente com o dedo – mas morreu assassinado faz mais de cinco anos...todo mundo aqui na vizinhança soube...

Se o frentista contou mais detalhes, Aline nunca soube, pois ela não agüentou e perdeu os sentidos.

- 0 -

Era uma velha casa de madeira. Pequena e pobre, como muitas naquela vizinhança. Ficava numa rua que sempre inundava quando chovia mais forte. Quando o Sol surgiu naquela manhã, suas duas únicas moradoras estavam ocupadas em limpar os estragos que a chuva que caíra durante todo o dia anterior havia causado.

Naquela manhã, foi com curiosidade que os vizinhos viram um carro dobrar a esquina do posto de gasolina e parar defronte a casa. Durante alguns longos minutos sua única ocupante ficou olhando fixamente para a casa, até que finalmente pareceu se decidir, desceu do carro e bateu palmas. Entrou. E ficou lá a manhã toda. E, depois que ela foi embora, uma estranha estória passou a circular entre os vizinhos.

Mas não foi a única vez que a jovem do carro apareceu. Ela voltou no dia seguinte, com cestas básicas e roupas. E voltou várias outras vezes, sempre que havia enchente, ou quando estavam precisando de algo. Aquela casa continuava pequena e pobre como sempre tinha sido, mas agora havia uma diferença: alguém estava tentando ajudar.

Aline nunca entendeu completamente o que aconteceu naquele dia. Ela havia visto, e mais de uma vez, uma pessoa que estava morta a cinco anos. E também tinha falado com ele. Era um fantasma ? Uma aparição sobrenatural ? Aline nunca soube. Naquela manhã, depois de conversar com a mãe de Alberto e descobrir que ele havia morrido assassinado por um traficante para o qual devia dinheiro, e ter visto a dificuldade que ela e sua filha Júlia estavam passando, Aline achou que não podia ficar de braços cruzados. Quando se formou e montou seu primeiro consultório, Aline contratou Júlia como secretária. Continuou ajudando a família com o que podia. Bancou os estudos de Júlia, que passou no vestibular e acabou cursando Engenharia, exatamente como seu irmão Alberto havia sonhado.

Mesmo quando foi morar no exterior, Aline continuou mantendo contato com Júlia e sua mãe. Muitos anos se passaram, e quando ela voltou para o Brasil pôde conhecer o primeiro filho de Julia: um lindo garotinho chamado Alberto.

Outros anos se passaram, e Aline passou a dar aulas na mesma faculdade em que havia se formado. Todos os dias ela passava por aquela mesma esquina onde havia encontrado Alberto. E sempre se perguntava: porque ? porque eu ?

Até que um dia, uma segunda-feira, chovendo a cântaros, Aline parou naquele mesmo semáforo. Olhou instintivamente para o ponto de ônibus, como sempre fazia. Só havia uma pessoa no ponto. Um rapaz alto, magro, de camisa vermelha e mochila nas costas. Mas isso já é assunto para outra história.....